



LIGADURA

Ana Carolina Wrobel de Villeroy





**PUC-Rio / Departamento de Artes e Design
2022.1**

Ligadura
Ana Wrobel

Orientadores
Carlos Eduardo Félix da Costa
Rita Couto, Gabriela Gusmão
e Barbara Betts

contexto	1
o projeto	5
processo	9
referências	7
processo	3
mostra	49
conclusões finais	69
agradecimentos	70
bibliografia	71

CONTEXTO

Ligadura é uma **brecha lúdica**, um **devaneio visual**. É a estação de passagem de uma observação poética acerca das interações humanas. Sugere experiências filosóficas a partir de uma atmosfera cósmica das relações, moldadas por teias invisíveis. O fio solto e frágil se transforma em uma solda forte diante de uma perspectiva feminina. O ato de tecer transpassa o conceito de ciência, é uma arte que fora dada pela força intuitiva da natureza. A mulher e o fio se complementam em uma trajetória de autoconhecimento e sabedoria, na qual **ela se encontra tecelã de sua própria realidade**.

O projeto teve como ponto de partida meu interesse pessoal na **pintura** e no **estudo de figuras humanas**. Trabalhar com arte sempre foi algo presente na minha vida. De alguns anos para cá, venho fazendo isso de forma profissional, com tinta acrílica e a óleo.



A atmosfera pandêmica foi um estímulo para manter uma produção contínua, na qual percebi uma grande **identificação com o retrato de corpos femininos** e suas nuances. A representação da mulher é uma constante na história da arte, e me encontrei completamente fascinada por esses retratos. Fui influenciada por autores que fogem da romantização da figura humana, artistas que expõem corpos reais e desajustados. Entre eles, estão *Jenny Saville, Egon Schiele, Francis Bacon e Lucian Freud*. Os estilos desses artistas e a expressão que há em cada personagem retratado revolucionaram a pintura figurativa, além de trazer uma visão vanguarda e subversiva do corpo humano que desafiaram rígidos padrões sociais.

Ademais, nesse primeiro momento, também estava inspirada pela obra "A Vida Não é Útil", de Ailton Krenak, líder indígena, escritor e ambientalista brasileiro. O autor nos alerta sobre a **necessidade de reinventarmos o nosso modo de viver**. Krenak nos convida a re-considerar o conceito de humanidade em reflexões provocadas pela pandemia do covid-19. O consumo desenfreado é causa e consequência da nossa atual forma de viver: trabalhando todo dia, contando as horas para conseguir descansar. Krenak refuta essa ideia e afirma que a vida não é útil, a vida é maravilhosa da forma como ela é.

"Nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida. Mas nós somos o tempo inteiro cobrados a fazer coisas úteis. [...] Viver a experiência de fruir a vida de verdade deveria ser a maravilha da existência."

Ailton Krenak, *A Vida Não É Útil*.

A compreensão dessas áreas de interesse me despertou um **desejo de estudar esses reencontros e afirmar a necessidade humana dos toques e afetos de forma poética**, a partir de expressões corporais. Estamos vivendo uma nova experiência de existência após a pandemia, **apreciar os pequenos gestos e valorizar as trocas genuínas após tanto tempo de confinamento é uma forma de fruir a nossa existência**.

O PROJETO

O **projeto** parte da análise dessas relações – suas intensidades, suas frequências. Busquei compreender como essas vivências se conectam a partir da pintura, primeiramente. O processo artístico iniciou com **“uma espreita ativa”** durante as interações - tal qual modulou a intensidade e a frequência dos encontros. O estudo dessas relações englobam **coletas, errâncias, fotografia, escrita, artesanias e técnicas de editoração**, ferramentas utilizadas durante o processo.

O projeto possui uma **feição experimental muito forte**, que, ao longo do processo, se funde com minha personalidade. É um processo de **reencontro e autoconhecimento**, que pode ser considerado metalinguístico ao sentir as diferentes texturas, utilizar diferentes materiais, sair da zona de conforto e estar constantemente nesse estado de suspensão, em rito de passagem. *“Enjoy the Ride”* é um dos pilares do projeto, significa aproveitar a caminhada: senti-la, tocá-la, ouvi-la.

Uma das metodologias adotadas é a imersão completa no processo artístico, o **“estado ateliê”** – um estado de alerta. É estar constantemente em contato com o presente, documentando tudo que é conveniente para **traduzir em termos plásticos**. Esse estado também consiste em criar dois modos de conectar fragmentos, que batizei de **“mesa de dissecação”** e **“quadro de contemplação”**. Os mesmos são a mescla dos dados recolhidos, a fim de formar uma teia de pensamentos e sensações.

É importante compreender que o projeto possui um **caráter subjetivo**. Por se tratar de um processo **extremamente experimental**, há uma oscilação entre o prático e o teórico, e entre o analógico e o digital. São idas e vindas complementares, que consiste em dar valor a trajetória e a cada detalhe do processo. Trata-se de encontrar o que eu estou procurando na prática, contribuindo para o refinamento da proposta e da produção artística.

Os parâmetros utilizados no meu projeto consistem nesse processo experimental:

Observação poética nos estudos de campo

Especulação imaginativa

Produção artística a partir das documentações escritas e fotográficas

Mesa de dissecação x Quadro de contemplação

Olhar subjetivo

Errância de coletas

Projeto experimental, respeitar a trajetória e o tempo de processo..

Inspirada na metodologia *combine* de Robert Rauschenberg, artista americano que fez parte dos movimentos Expressionismo Abstrato e Pop Art, o processo de fazer coletas e saídas a campo é um dos pontos-chaves do projeto. O artista estabelecia um raio no quarteirão de seu ateliê como limite para buscar objetos do cotidiano suscetíveis a fazer parte das obras. A partir disso, Rauschenberg estabelecia uma relação entre esses objetos completamente dispersos, criando uma harmonia coerente entre eles. As *combine*, como o próprio nome já sugere, são obras híbridas que associam o processo de pintura, colagem e escultura, a partir dessa errância de coletas do artista. Sugerem uma sobreposição da arte com a vida cotidiana.



Obras da Série *Combine*, Robert Rauschenberg.

PROCESSO

Incentivada por Rauschenberg, o processo experimental iniciou com a partitura de coleta de objetos retirados dessas interações. Fui reunindo em uma caixa diversos itens que surgiram de vários lugares inusitados: seja a partir de uma memória afetiva após passar um fim de semana na casa dos meus avós, até itens completamente descartáveis que são muito presentes nos encontros de rua. Também foram concebidas documentações escritas das falas nessas saídas a campo.



Esse processo concebeu uma espécie de “cartografia poética”, na qual foi compondo uma teia de pensamentos e sensações na mesa de dissecação, os objetos foram encontrando seus “objetos irmãos” e se conectando.

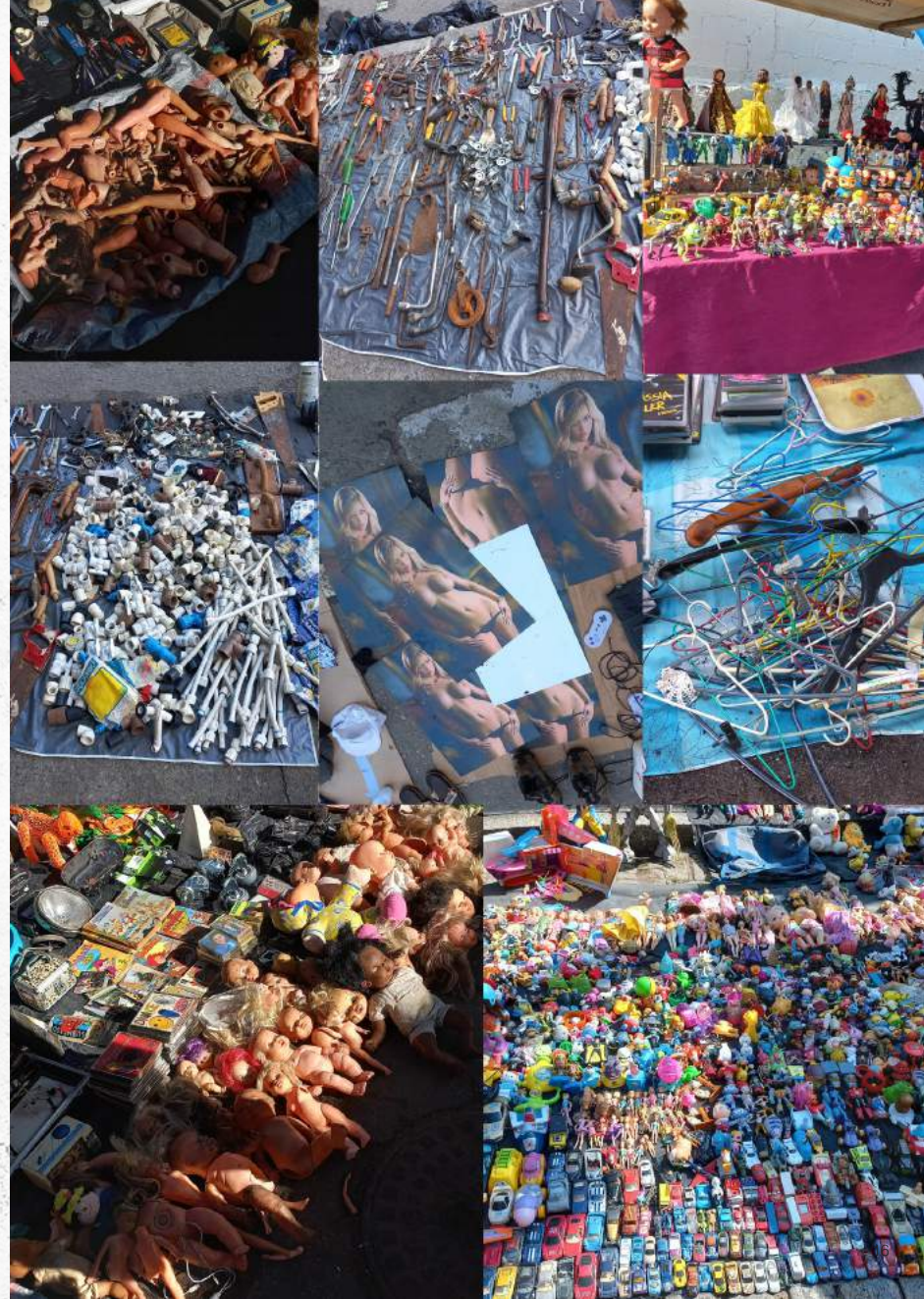
Diante dessas conexões, iniciei a experimentação relacionando as minhas documentações escritas com os itens recolhidos, brincando com a tridimensionalidade dos elementos e a coesão que eles possuem entre si.



Após esse primeiro momento, decidi voltar para o digital para tentar desdobrar melhor esse estudo. Realizei a falta que estava sentindo de pintar corpos que, até então, era o meu maior interesse no projeto. Produzi três colagens digitais sobrepondo fotografias das ruas com minhas pinturas, além de trazer algumas falas para as peças. O contraste do clássico das pinturas com a informalidade das ruas me chamou muita atenção, e trouxe uma nova perspectiva visual dos experimentos.



Conforme fui experimentando, senti a necessidade de sair a campo novamente, desta vez em busca de novos conceitos e interações para o meu trabalho. Fui com o meu orientador, Cadu, para a Feira do Rolo, em São Cristóvão. Além de fazer mais coletas de objetos, fiquei com o olhar muito ativo para as relações daquele cenário. O **emaranhado** de objetos e suas repetições me chamou muita atenção, como se fosse um **grande conglomerado entrelaçado** e tudo fizesse parte de uma coisa só. Ao mesmo tempo, cada item ali possui sua história, sua particularidade, seus defeitos. Essa atmosfera me remeteu **a natureza das relações humanas, a necessidade do tato, dos gestos, da interação - mas cada indivíduo com sua singularidade.**

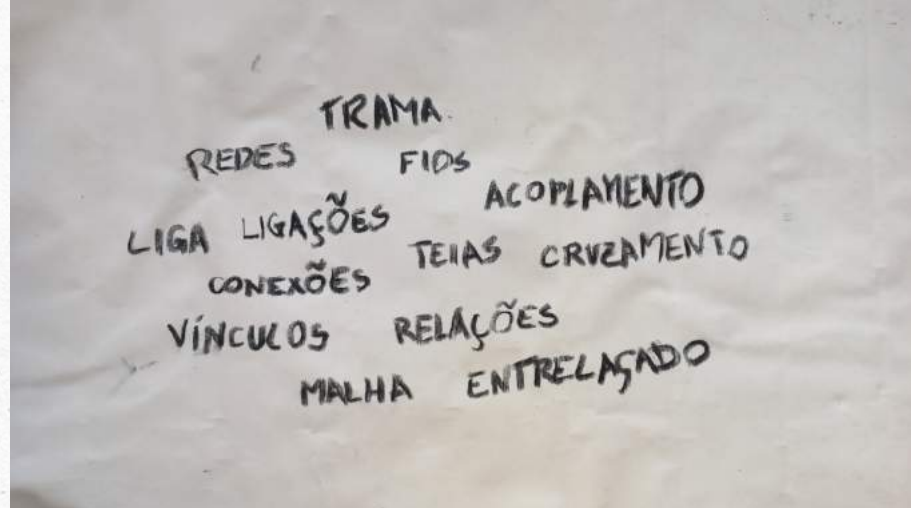


A partir dessa experiência na Feira do Rolo, os objetos **conversaram comigo de forma imagética**, a observação poética desses emaranhados me levou à produção da primeira pintura em acrílica sobre tela, tamanho 18x35cm. O elemento da mão, que já estava sendo dissecado anteriormente no processo, surge como um conceito forte para falar de toques e gestos humanos. A pintura sugere **a necessidade do toque como algo visceral e carnal**, elas não conseguem se desvencilhar e fazem parte de uma mesma forma. Também fiz experimentações com as próprias coletas da feira, as utilizando como suporte para os experimentos.

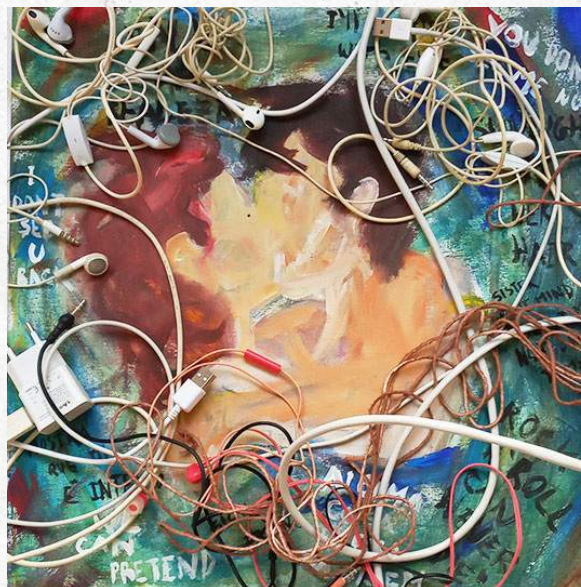




Então, retornei à mesa de dissecação para compreender os conceitos levantados nas últimas pesquisas e produzi um brainstorm diante dessas interações. Esse momento foi uma virada de chave no projeto no qual consegui relacionar todas as etapas das experimentações até aqui: **relações nada mais são do que “teias” invisíveis que se conectam através dos vínculos e ligações.** Logo, passei a utilizar esse conceito como matéria em meus experimentos, trazendo a presença de fios, linhas, barbantes, malhas, redes, etc. A figura humana passou a ser mais presente nas obras, coexistindo com objetos coletados nas idas à campo.



Brainstorm



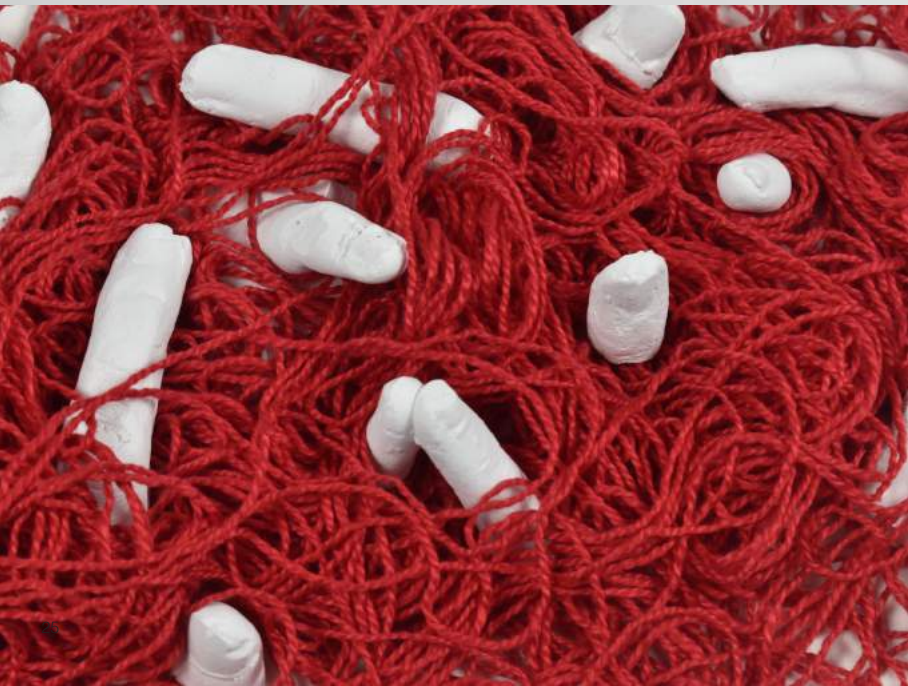
Primeiros experimentos com fios.





Esses novos experimentos foram essenciais para o projeto, compreendi a direção da minha experimentação. São processos que falam sobre **conexões através de uma perspectiva subjetiva, a presença do fio surge para representar as “teias” invisíveis que se conectam através de vínculos.**

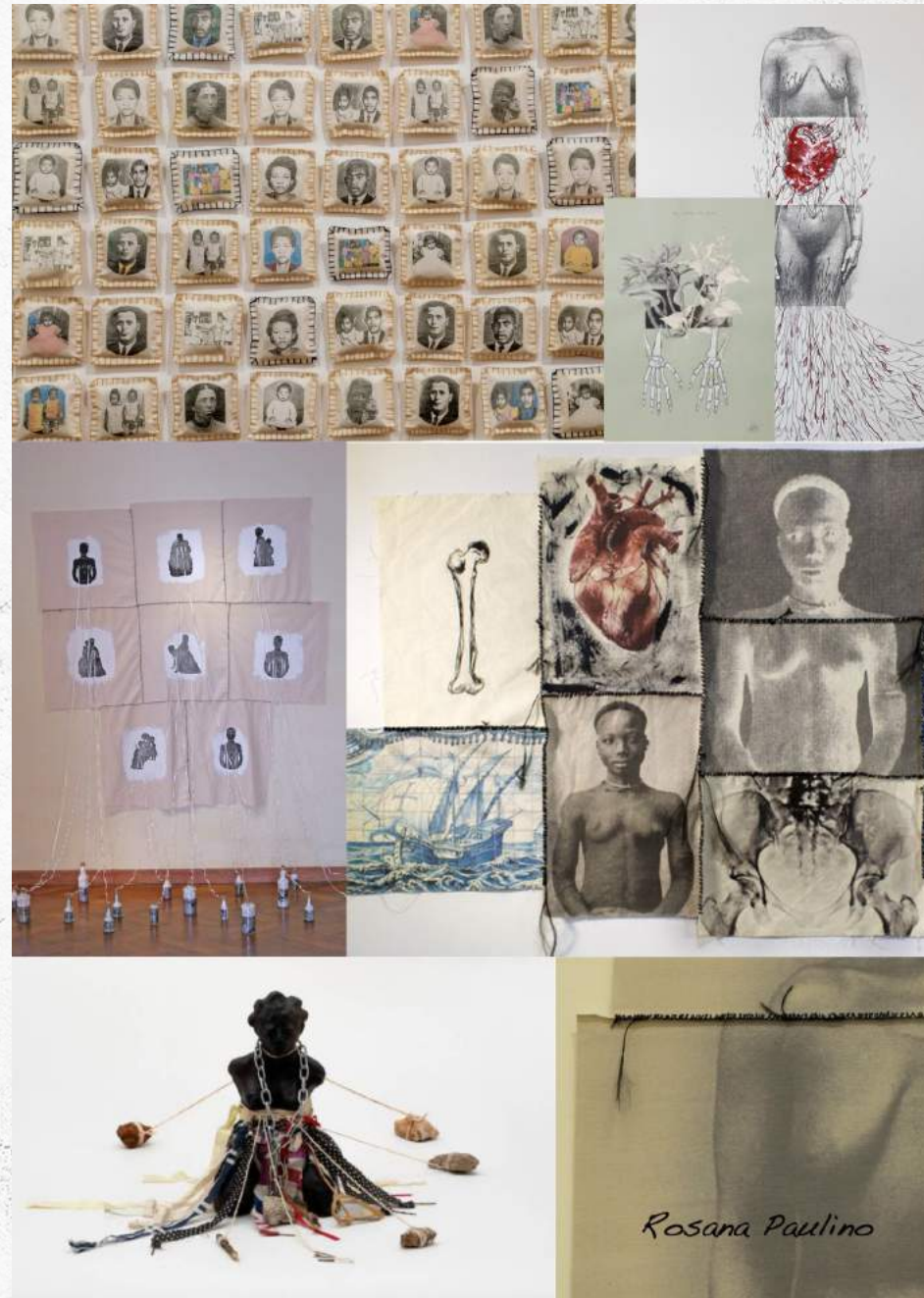
Diante dessa premissa, fiz mais uma pesquisa de referências, uma busca tanto por artistas que trabalham com a temática corporal no universo feminino, quanto pelo uso de linhas e fios nas obras.



REFERÊNCIAS

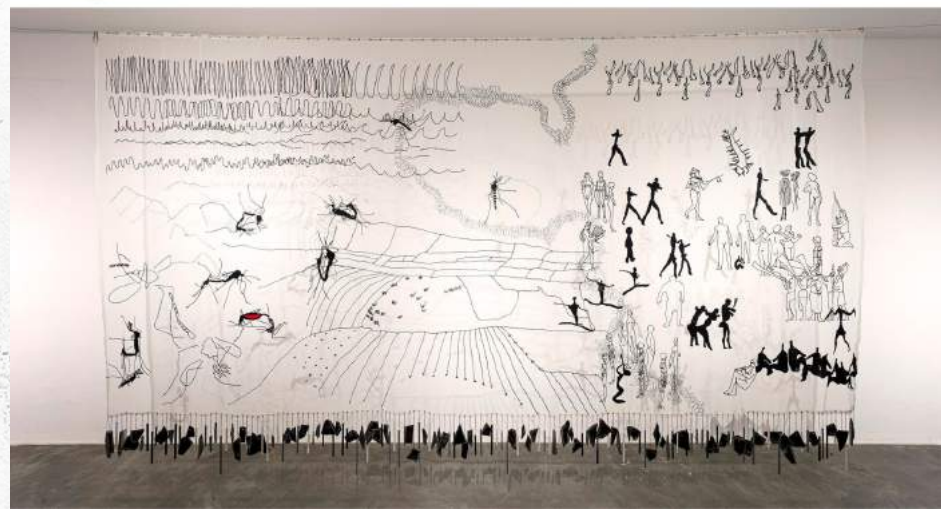
Rosana Paulino é uma artista visual brasileira, pesquisadora e educadora. A artista questiona estereótipos e comportamentos associados historicamente à mulher negra na sociedade brasileira, abrangendo questões sociais, de etnia e de gênero em suas obras. Além da urgência do tema abordado por Paulino, as ferramentas artísticas adotadas pela artista me cativou, que é uma mescla de várias técnicas, caracterizando-se como "esculturas-objeto".

O trabalho de Rosana me inspirou a unir meus objetos por meio da costura, criar pontos de interseção entre eles e produzir interferências artísticas com o próprio fio. Um estímulo para abranger a linha como contadora de história, e não apenas como mais um material utilizado na obra.



Vivian Caccuri, artista brasileira que vive e trabalha no Rio de Janeiro, produz composições incomuns que cruzam experiências cotidianas com uma tentativa de materialização do som. Por meio de instalações, suas obras possuem o objetivo de desorientar a vivência diária - relacionada diretamente com condicionamentos históricos e sociais.

A artista me inspirou com a subjetividade atribuída às suas obras, buscando se expressar por meio da composição de materiais, fugindo das representações figurativas. Suas obras possuem ritmo e fluxo. É um mergulho no universo de Caccuri em que cada indivíduo tem sua própria vivência, uma confusão mental de sentimentos.



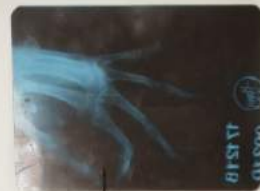
Márcia Falcão, artista carioca que articula relações entre o corpo feminino e a cidade. Suas obras costumam ser figurativas e partem da experiência da artista na periferia do Rio de Janeiro, nos lembrando constantemente do contraste entre prazer e violência em ser uma mulher nas comunidades cariocas.

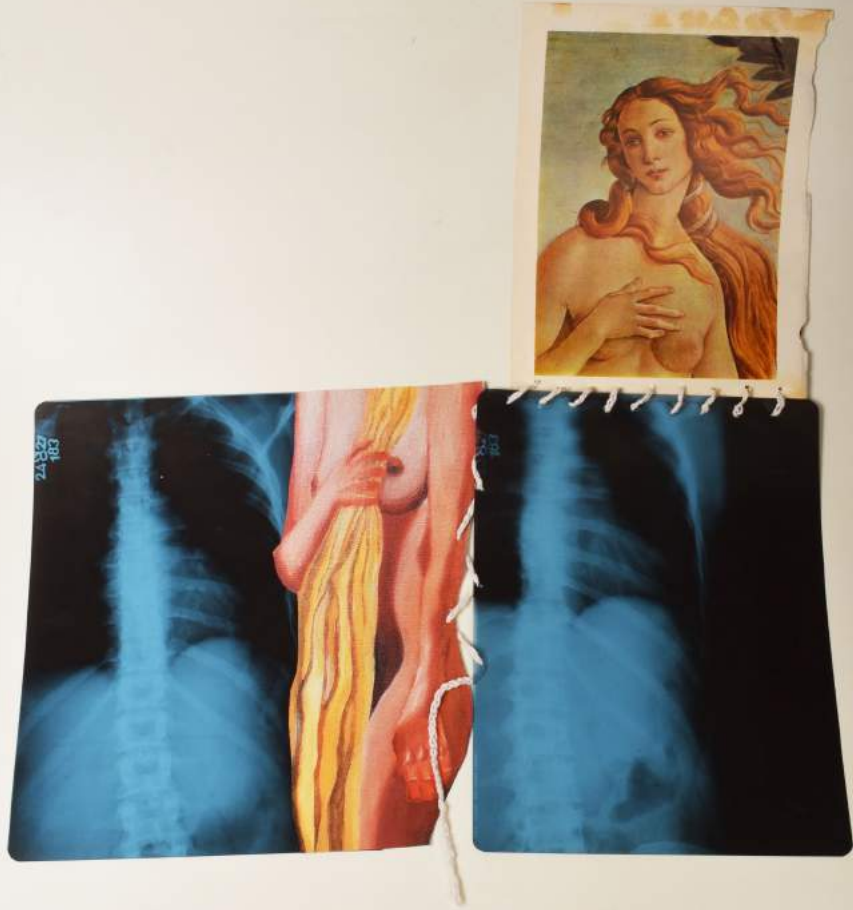
O trabalho de Márcia é extremamente forte e me deixou completamente fascinada pela potência de suas representações. A busca pelos acontecimentos diários no subúrbio carioca é transmitida em suas obras por meio de signos corriqueiros, sugerindo uma atmosfera de empoderamento através da linguagem figurativa.



PROCESSO

A partir das novas referências levantadas, busquei trazer essas inspirações para as minhas novas obras. Ao unir objetos que fui coletando nas ruas, passei a utilizar a linha como contadora de história. **O fio, que antes fazia parte de um emaranhado, sem direção, solto e frágil, vai se transformando em uma solda forte a partir de uma perspectiva feminina.** Passou a ser evidente que, como mulher, essa busca **inclinou-me em direção a características sutis da feminilidade.**





A relação da mulher com o fio se tornou um ponto chave no meu trabalho. Inicialmente, a presença do fio surgiu para representar as “teias” invisíveis que se conectam através de vínculos e conexões. Entretanto, nessa perspectiva, tecer é um **ato atrelado à figura feminina, uma arte que foi adquirida a partir da força intuitiva da natureza.**

Essa relação é representada várias vezes historicamente, seja em elementos culturais ou na mitologia grega.

A primeira obra que eu tive contato foi “A Moça Tecelã”, da Marina Colasanti. A autora é uma escritora, jornalista e artista plástica italo-brasileira. O livro, lançado em 2003, é um conto que retrata a história de uma mulher que passa os dias trabalhando em um tear. A moça vivia sozinha, mas era feliz. Os dias passam e nada falta, porque ela é capaz de tecer tudo que necessita. Com o decorrer da história, ela sente a necessidade de encontrar um companheiro, logo, ela começa a tecer o marido dos seus sonhos. Inicialmente, eles viviam em um conto de fadas, porém, conforme o homem descobre o seu poder de tear, passa a explorar o seu trabalho, exigindo-a tecer uma casa maior, depois, um palácio, depois, uma torre bem alta para que a moça se isolasse. A moça, agora isolada sem ver a luz do dia, tecia entristecida. Chegando a noite, ela resolve destecer o marido e puxa o primeiro fio. Antes do amanhecer, ele já havia desaparecido completamente. Então, a moça volta para sua vida simples, porém dona de si, seguindo tecendo tudo aquilo que apenas ela necessita, e ninguém mais.

O conto compreende a ideia de que **as mulheres são as criadoras de suas próprias histórias, são tecedoras da realidade, responsáveis por tecer o destino do homem.** Centraliza a figura feminina não só como dona de si, mas também como criadora do mundo. A mulher é detentora de uma sabedoria que é vista como fragilidade. O ato de tecer, dar nós, pontos, exige uma sensibilidade ímpar, é sobre se atentar aos detalhes e ter um olhar cuidadoso às trivialidades. Requer uma energia transformadora para produzir grandes elos a partir de algo tão tênue e delicado.

Outras referências culturais são os contos da mitologia grega: O fio de Ariadne e O mito de Aracne.

O fio de Ariadne é um conceito que surge no conto do Teseu e o Minotauro. Teseu é conhecido como um dos maiores heróis da mitologia grega por ter se oferecido para ingressar no labirinto, onde vivia a temida criatura metade homem, metade touro. A cidade de Atenas era obrigada a pagar tributos para o rei de Creta, pagos com sete homens e sete mulheres que entravam no labirinto e viravam alimento do Minotauro. Ariadne, filha de Minos, ciente da bravura de Teseu, entregou-lhe uma espada e um novelo de lã. Com esse auxílio, Teseu consegue vencer a criatura e encontrar a saída, salvando seus companheiros e a cidade de Atenas da temida criatura.

Diante dessa perspectiva, o labirinto faz uma alusão a falta de conhecimento do homem, **enquanto o fio equivale à sabedoria, autoconhecimento, intuição e luz interior.** Teseu não é o real herói do mito, quem possibilita o êxito é Ariadne. Mais uma vez, a mulher é retratada como responsável por tecer o destino do homem a partir da ideia do fio.

Já o mito de Aracne conta a história de uma jovem tecelã muito talentosa. Era conhecida por ser a melhor na arte de fiar e tecer a lã, seus trabalhos eram disputados por todas as mulheres na cidade de Lídia. Aracne se deixou dominar pela vaidade, falava alto e em bom som que não tinha medo de desafiar a própria Atena, filha de Zeus e deusa da sabedoria. Atena, que também era a deusa protetora dos artesãos, se sentiu extremamente ofendida e, disfarçada de anciã, foi procurar a moça para aconselhá-la. Aracne, não sabendo que se tratava da deusa, insultou a anciã e reafirmou seu desafio. Insultada, Atena se revela em sua verdadeira forma e declara aceitar o desafio. Ambas trabalharam com rapidez e habilidade, porém, quando as tapeçarias ficaram prontas, Atena não conseguiu encontrar uma única falha no trabalho de Aracne, que havia retratado as desilusões amorosas de Zeus. A deusa, então, rasga a tecelagem de Aracne que, se sentindo extremamente insultada, decide se enforcar. Atena não a permitiu morrer e a transformou em aranha, condenada a tecer para sempre. Aracne foi salva da morte, e, embora amaldiçoada, seguiu fazendo a arte que amava e compartilhando com o mundo.

Esse mito possui a presença de fortes figuras femininas, foi a forma que os gregos encontraram para explicar por que as aranhas estão constantemente tecendo teias, tanto como uma forma inerente à vida, como para prender suas presas. Nessa perspectiva, há um paralelo das **teias** (produzidas por aranhas) e **tramas** (produzidas por tecelãs, mas também pode significar enredo, história). A tessitura da aranha precisa ser sempre refeita, é frágil, delicada, porém é uma armadilha para ludibriar suas presas, seu "futuro alimento", revelando uma **postura mais ativa**. Atena preferiu salvar sua "rival" da morte para que seu trabalho não fosse perdido no mundo, evidencia essa **sensibilidade aguçada relacionada com a feminilidade**.

Em todas essas histórias, a tecelagem é uma atividade exclusivamente feminina, uma linguagem que só é utilizada entre as mulheres. O estudo desses contos foi essencial para o meu processo - me deu um norte em relação aos meus experimentos, que só foi possível devido à oscilação entre a prática e a teoria ao longo do meu projeto.

Diante desse universo, a obra que me despertou o interesse de trabalhar acerca das relações de uma perspectiva feminina é a obra **Ligadura**, acrílica sobre tela, 60x80cm, que foi pintada em Abril enquanto eu ainda estava tentando identificar a direção do meu projeto.



A partir dela e da bagagem teórica que fui consumindo ao longo do semestre, decidi pintar a tela **Ligadura 2**, 80x60cm, acrílica e lã sobre tela. A obra é uma expressão do processo, uma afirmação do "fio condutor" que eu adotei. Ao utilizar tranças de lã, a tecelagem passa a fazer parte do trajeto como uma **solda forte**, fazendo referência a essa **linguagem exclusiva das mulheres**. **O formato cíclico transmite a ideia de continuidade, de pertencimento a um ciclo e da produção periódica.** A minha intenção com a obra é passar uma imagem forte do poder intuitivo feminino, e sua capacidade de tecer a própria realidade.



Para finalizar, produzi minha última pintura, **Tramas**, de 110x100cm, acrílica e cordões sobre tela. Nela, resgato meu fascínio inicial por pintar corpos reais retratados de formas triviais. Se na obra anterior o ciclo estava intrínseco às figuras femininas, nessa, ele **é o elemento central apresentado como um emaranhado**. As mulheres estão ligadas ao ciclo por meio de tranças, novamente afirmando a relação direta da criação com a feminilidade. O emaranhado é desconstruído pelas mãos femininas, que o transformam em soldas delicadas porém firmes. A mulher, retratada como tecelã, é produtora de tramas, tanto no aspecto físico, quanto no aspecto poético. Utilizei a cor dourada para as linhas como menção ao fio de Ariadne, que remete à sabedoria e intuição.



Diante de toda produção ao longo do semestre, optei por fazer uma **mostra** desse processo como **estação de passagem** de um estudo que ainda pretendo abordar no meu trabalho pessoal. A ideia da mostra é representar o processo de forma material, desde a mesa de dissecação até o quadro de contemplação final. Escolhi, ao todo, onze obras para fazer parte da mostra (a mesa de dissecação contém três). Inicia-se com as esculturas em gesso na mesa de dissecação, com um emaranhado grosseiro, sem rumo ou orientação. Desse emaranhado, sai um fio único que segue em direção aos experimentos. Conforme o trajeto vai sendo moldado, as figuras humanas vão se tornando mais presentes, e o fio vai se tornando mais complexo, atribuindo-se um sentido. Ao final, essas figuras são femininas e as linhas são representadas de forma mais sofisticada, com tranças e bordados, representando esse elo rígido na relação feminina, e seu poder de criação.

A mostra aconteceu no hall do DAD, Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na Gávea, nos dias 04/07 e 05/07.

1. Mesa de Dissecação

Moldes de mão produzidos em gesso, barbante, e lã.

2. Vínculos

Acrílica sobre tela, 17x35cm

3. Menino de Brodowicz 1

Radiografia, linha encerada e gravura resgatada na rua.

4. Vênus

Radiografias, barbante e coleta da rua.

5. Cruzamento

Duas telas e barbante.

1. Acrílica sobre tela, 35x25cm

2. Acrílica sobre tela, 30x20cm

6. Meninos de Brodowicz 2

Duas telas 40x40cm, linha e gravura resgatada na rua

7. Ligadura 1

Acrílica sobre tela, 60x80cm

8. Ligadura 2

Acrílica e lã sobre tela, 80x60cm

9. Tramas

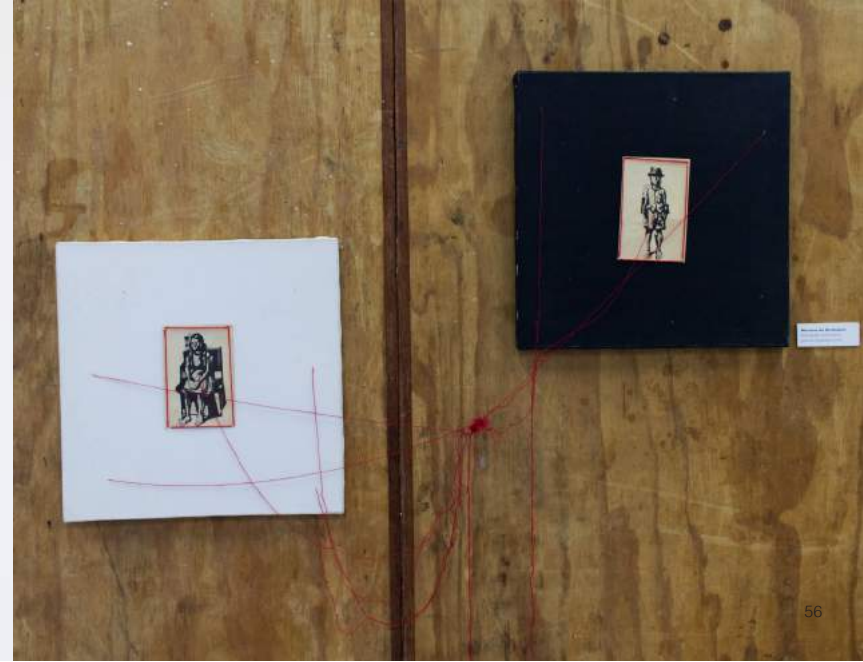
Acrílica e cordões sobre tela, 110x100cm







MONTAGEM





Mesa de Español
Mesa de Español
Mesa de Español

MESA 09



7. 1997



8. 1997





Também produzi uma prancha tamanho A2 com o texto expositivo:

Ligadura é uma **brecha lúdica**, um **devaneio visual**. É a estação de passagem de uma observação poética acerca das interações humanas. Sugere experiências filosóficas a partir de uma atmosfera cósmica das relações, moldadas por teias invisíveis. O fio solto e frágil se transforma em uma solda forte diante de uma perspectiva feminina. O ato de tecer transpassa o conceito de ciência, é uma arte que fora dada pela força intuitiva da natureza. A mulher e o fio se complementam em uma trajetória de autoconhecimento e sabedoria, na qual **ela se encontra tecelã de sua própria realidade**.

É um talonário, com impressão em papel sulfite preto e branco, tamanho A5 para acessibilizar a informação durante a mostra.



Além disso, a fim de perpetuar a mostra, produzi um folheto sanfonado para **complementar a experiência do projeto**. A ideia do folheto é **possibilitar aos visitantes que eles levem um pouco do processo para casa**. Apresenta textos que escrevi ao longo do processo, o trecho final do conto "A Moça Tecelã", de Marina Colasanti, e fotografias das obras.

O folheto possui formato A3 (420x297mm) horizontal e foi impresso no papel couchê 75g. O verso é um poster da obra final do projeto, Tramas.

O folheto surge como uma mistura da mesa de dissecação com os quadros de contemplação. Apliquei uma textura que remete a um *sketchbook*, algo que ainda está em produção. Também utilizei meu traço caligráfico para os textos que escrevi para aproximar o leitor do meu processo.





Cada mágiçlo possui seu
 laço mágico, o ato de fazer ser
 por seus braços. Estes
 se sobre as mãos e
 com a mão a
 possível sem a ajuda do fio.
 Cada ato
 laço mágico
 por seus braços. Estes
 se sobre as mãos e
 com a mão a
 possível sem a ajuda do fio.



Detentora de uma sabedoria que é vida
 tem fidelidade. O ato de fazer ser
 pela mão, uma transformação. O ato
 é sobre os braços, as mãos e os
 mãos sobre as mãos, as mãos
 transformando em energia
 da mão de um ser, a vida.

CRUZAMENTO

O ato de fazer ser, a vida, a vida
 é sobre os braços, as mãos e os
 mãos sobre as mãos, as mãos
 transformando em energia
 da mão de um ser, a vida.



EMARANHADO



CONCLUSÕES FINAIS

Não é fácil fazer um projeto tão pessoal. Quando iniciei o projeto final, evitei ao máximo a mentalidade de que era o "grande projeto da minha vida". Decidi respeitar meu tempo e seguir com o projeto da forma como costumeiro fazer, experimentando com calma e parcimônia. Agora, quando vejo o projeto finalizado e toda a minha trajetória, compreendo o quanto me entreguei à ele. É um projeto síntese de quem eu sou. Foi uma experiência desafiadora, que me tirou da zona de conforto de tantas formas. Tantas noites mal dormidas, questionando minha capacidade e onde esse rio desabaria.

Estar em contato com esses lugares imperfeitos é extremamente complexo. É compreender seu rito de passagem enquanto busca a constância. É entender que o processo, muitas vezes, é mais belo que a obra.

Ligadura é Ana por inteira. Essa entrega é apenas uma estação de passagem de uma observação poética que eu vou levar comigo para o resto da vida. Ligadura me permitiu entrar em contato profundo com a minha sensibilidade e arrancou entranhas poéticas que eu nunca tinha alcançado. É um retrato da Ana após cinco anos de curso - agora, sem medo de expor seu processo. Sou muito grata por toda essa trajetória. Que eu nunca me esqueça de parar para apreciar a vista. Seguimos!

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer à minha família, especialmente à minha mãe, Renata, pelo apoio emocional e material durante toda a minha vida e ao longo desse curso, sempre acreditando em mim e me estimulando a fazer aquilo que amo. Ao meu irmão, Vitor, por ser um exemplo para mim. À minha avó, Vera, que sempre compartilhou tantas coisas comigo, a começar por seu amor à arte. Ao meu tio Roni pelas trocas intelectuais e pelo incentivo artístico. E ao meu padrasto, Márcio, pelo apoio incondicional em todos os momentos.

Às queridas amigas Laura Jost e Laura Achcar, sempre ao meu lado durante o curso, compartilhando comigo suas trajetórias artísticas e enriquecendo muito minha jornada na PUC.

Às amigas Hannah Barcessat Rubinstein e Maria Fernanda Souza pela amizade incondicional e pelo apoio a este trabalho. Agradeço também ao amigo Rodrigo Otávio Souza de Almeida, por sempre topar registrar meus processos com seu olhar poético através da fotografia.

Ao meu orientador, professor e artista, Carlos Eduardo Félix da Costa, obrigada por todos os conselhos, pela ajuda, pela paciência e pela inspiração que têm guiado o meu trabalho. Agradeço às professoras Julieta Sobral e Roberta Portas, que me abriram tantas portas perceptivas ao longo do curso e foram essenciais na orientação deste projeto.

E, por fim, gostaria de agradecer a todas as pessoas que se dedicam diariamente ao curso de Design de Comunicação Visual da Pontifícia Universidade Católica, com as quais tive o privilégio de conviver durante essa etapa fundamental de minha formação pessoal e artística.

BIBLIOGRAFIA

KRENAK, Ailton, A Vida Não É Útil

1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton, Ideias Para Adiar o Fim do Mundo

1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CENTRE POMPIDOU MEDIATION, Robert

Rauschenberger, Combines. Disponível em: <http://mediation.centrepompidou.fr/education/ressources/ENS-Rauschenberger-EN/ENS-rauschenberger-EN.htm> Acesso em: 13 mai. 2022

Rauschenberg foundation. Robert Rauschenberger, Combines.

Disponível em: <https://www.rauschenbergfoundation.org/art/galleries/series/combine-1954-64> Acesso em: 13 mai. 2022

ROSANA PAULINO.

Disponível em: <https://rosanapaulino.com.br/>. Acesso em: 30 mai 2022

PREMIO PIPA. Vivian Caccuri.

Disponível em: <https://www.premiopia.com/artistas/vivian-caccuri/>. Acesso em: 30 mai 2022

A GENTIL CARIOCA. Vivian Caccuri.

Disponível em: <https://www.agenticarioca.com.br/artists/30-vivian-caccuri/> Acesso em: 30 mai 2022

FORTES D'ALOIA E GABRIEL. Márcia Falcão.

Disponível em: <https://fdag.com.br/artistas/marcia-falcao/>

Acesso em: 30 mai 2022

REI, C.A.O; SANTOS, Marta Dos. TECENDO A CULTURA GREGA NO MITO ARACNE: SOB UM OLHAR SEMIÓTICO. Caderno Seminal

v.18, n.18, p. 161-173, dez/2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/viewFile/11885/9310>

COLASANTI, Marina. A Moça Tecelã

1ª edição. São Paulo: Global Editora, 2004.

VIDA EM FIO, O Fio de Ariadne.

Disponível em: <https://vidaemfio.com.br/mito-grego-o-fio-de-ariadne/> Acesso em: 20 jun. 2022

